2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 34. QUINTA FEIRA, 28 DE JUNHO DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Trigo preto.

O MUI distincto agronomo, o Sr. Lecocq, remetteu-nos uma porção de trigo preto, que, d'hoje em diante, se distribue, no Escriptorio d'este Jornal, a todos os assignantes, que desejarem experimentar a cultura d'este cereal.

Para vantagem do publico, ao diante publicâmos as instrucções praticas, com que o Sr. Lecocq se dignou honrar a REVISTA.

561 SATISFAZENDO ao que V. me requer na sua carta de 9 do corrente, tenho a honra de lhe transmittir os seguintes esclarecimentos sobre a cultura, por mim feita, do trigo sarraceno:

1.º O trigo sarraceno, semeado em terra regadia, tem-me produzido tres colheitas, arrancando as duas primeiras pela raiz, e deixando progredir a vegetação dos bagos cahidos, e já então nascidos. Não assim em terra sêcca, onde só tenho tido uma colheita de grão; por quanto, n'este caso, a semente cahida só nasce com as primeiras aguas; comtudo, como a vegetação d'esta planta é rapida, ainda dá boa pastagem, que póde ser enterrada como adubo.

2.º Todos os terrenos são bons para a sua producção, não sendo humidos com excesso, taes como os que ahi chamam *terras frias*.

3.º A colheita tem sido de mais de sessenta sementes nas terras sêccas, e muito maior nas regadias, empregando menos semente.

4.º N'este clima, assaz frio, semeio em Maio as terras sêccas, o que corresponde a Abril no Termo de Lisboa; comtudo, como a primavera vae chuvosa, ainda se poderá ahi semear este anno.

5.º A sementeira é muito facil: nas terras limpas basta dar um ferro de arado, passar uma grade para estorroar, e endireitar o terreno; espalhar a semente, e cobri-la ligeiramente com o extirpador, ou com a mesma grade, de modo que não fique muito enterrada.

6.º Tenho empregado, com bom resultado, um alqueire de semente no terreno, que levaria quatro de trigo vulgar.

7.º Faço a colheita á foice, e acarreto para a eira em pannos, e a debulha é feita com mangoaes mais leves do que os usados em Lisboa.

Desejando responder immediatamente a V. , por não haver tempo a perder, e tractando muito bem este objecto os livros, a que V. se refere na sua carta, não sou mais explicito.

J. J. LECOCQ.

Levada do Rabaçal.

562 AS CIRCUMSTANCIAS climatericas da Ilha da Madeira dão subido valor a quantos alvitres se possam pôr em pratica para fertilisar, por meio de regas, os terrenos aridos da Ilha. Da abundante nascente, chamada do Rabaçal, se póde artificialmente levar a agua por cinco freguezias. A obra precisa para o encanamento e distribuição da agua, já está começada, e d'ella faz parte uma galeria, que tem de correr atravez de um grande monte. Ao nosso illustre collaborador, o Sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, coube a honra de comprehender a vantagem de levar ao cabo tão grandiosa e proficua obra, apresentando na Camara dos Srs. Deputados um projecto de Lei, com o fim de:

Auctorisar o Governo para applicar a quantia de seis contos de réis insulanos, em cada anno, para a conclusão da obra da «Levada do Rabaçal»:

E para o Governo poder contractar a obra com qualquer Companhia ou particular, se julgar este meio pratico mais conveniente para realisar a prompta conclusão da referida obra.

O digno Governador Civil da Madeira juntou com este feito mais uma prova ás muitas, que attestam o quanto se interessa pela prosperidade do seu Districto.

Com satisfação vemos que o Projecto de Lei foi unanimemente approvado na sessão de 23 do corrente, na qual o Sr. Silvestre Ribeiro reforçou os argumentos, que em seu favor tinha empregado no luminoso Relatorio de que o precedeu.

Apesar de que a sessão vae muito adiantada, fazemos votos para que este negocio seja com brevida-

de resolvido pela Camara dos Pares. A obra é de tal utilidade para a Ilha, que o Governo se ha de empenhar para que o Projecto se converta em Lei; e d'isso temos certeza, porque faz parte do Ministerio o Sr. Avila, a quem a Madeira deve muita consideração e sympathia, e porque S. Ex.ª não deixará de se empenhar pela resolução de um negocio, do qual perfeitamente conhece as vantagens praticas.

Tratado das doenças das arvores fructiferas, do meio de as evitar, e de as curar,

Por Ferdinand Rubens, professor de arboricultura, e director da Sociedade de Economia rural da Prussia Rhenana.

CAPITULO II.

MEIOS DE CURAR AS DOENÇAS DAS ARVORES.

(Continuado de pag. 388.)

§. 7.º — *Esgotamento.*

563 Esta molestia, que é causa ás vezes de perdas consideraveis nos pomares, tem muita similhança com a consumpção; differe entretanto alguma coisa, porque a arvore, que é d'ella atacada, perde de repente as suas forças; a côr altera-se; a casca encarquilha-se; e as folhas amarellecem: emfim, a arvore esgota-se, até que morre a pouco e pouco. Esta molestia provém, o mais das vezes, de ser o terreno magro, e enfraquecido Quando o solo, onde ellas vegetam, não lhes ministra bastante nutrição, quando a terra é muito areenta, ligeira, e o sub-solo pouco permeavel, muito cascalhento, ou de barro muito humido, as arvores não crescem; mirram e seccam, se se lhes não acode com os remedios a tempo.

O melhor remedio consiste em diminuir-lhes os ramos, lavar o tronco, regar as raizes, e substituir a terra magra por outra substancial e forte.

Entre os diversos meios capazes de estimular a vegetação das arvores, citarei o uso da ourina das vaccas e dos cavallos, ou de agua onde se tenham dissolvido adubios bons, e melhor ainda são as raspaduras das pontas de animaes cornigeros, misturadas entre a terra, regadas se as chuvas tardarem. Assim tratadas as arvores retomarão as suas forças, e crescerão vigorosamente, se a molestia não estiver muito adiantada.

Esta molestia póde ser occasionada tanto pela falta, como pela grande abundancia de humidade. Se uma longa sêcca tira ás raizes a possibilidade de aspirar o succo nutritivo da terra, a seiva exhaure-se, e a arvore morre. Regando-se a tempo as folhas, os ramos e as raizes, lavando o tronco, previne-se ou cura-se o mal. Mas não se deve regar fóra de tempo, nem servir-se de agua demasiado fria, pois que com isto se póde provocar este mal.

Um solo encharcado, a falta de escoamento das aguas produzem tambem esta molestia. N'este caso o que ha de melhor a fazer, é abrir pequenos fossos, que absorvam as aguas que forem de mais: isto, com algumas sangrias feitas na casca, fará cessar o mal, se este não estiver muito arreigado.

§. 8.º — *Ictericia.*

É esta uma molestia, que póde atacar as arvores fructiferas de toda a especie, mas que ataca particularmente as pereiras. Tanto as arvores novas e vigorosas como as velhas e debilitadas acham-se expostas a esta molestia. Vinte e quatro horas é ás vezes bastante para que esta molestia se desinvolva completamente: porém em geral os estragos não são tão rapidos, e a origem do mal é antiga. A ictericia ataca as arvores em diversas epochas de seu crescimento, e muitas vezes mesmo antes de terem deitado as folhas. Estas perdem a pouco e pouco a côr verde, amarellecem e cahem fóra de tempo.

Uma alteração completa se manifesta em todas as partes da arvore: a casca exterior achata-se, aperta-se contra a madeira, e adquire uma côr pallida, ou amarellenta: emfim, a seiva sécca nos rebentos dos dois ultimos annos, e acaba por exhaurir-se de todo: o sabugo mesmo amarellece primeiro e depois faz-se preto. Os rebentos, imperfeitamente nutridos, definham: as extremidades dos ramos adelgaçam-se, e fazem-se pretas, como se tivessem sido queimadas: os ramos privados de seiva quebram-se com o menor impulso; e os fructos, se alguns apparecem, são amarellentos, enfezados, e semsabores.

Esta molestia provém o mais das vezes de um solo defeituoso; ou seja porque não tem bastante profundidade, ou seja porque não possa ministrar ás raizes todos os alimentos, que exige o desenvolvimento da corôa das raizes. Outras vezes provém de feridas feitas nas raizes por bichos, ou pelos ratos.

Quando a molestia apparecer, e se estiver certo de que a causa não existe na qualidade do solo, convém examinar as raizes da arvore. Para isto descobrem-se parcialmente as raizes, e conhecida a causa, refrescam-se estas; destroem-se os animaes damninhos; cobrem-se as raizes com terra boa, e rega-se esta com agua em que se tenham dissolvido alguns bons estrumes, até que a vegetação comece a apparecer. Se as arvores atacadas pela ictericia são novas, val mais tira-las de todo da terra, para lhes examinar as raizes; o que feito, cortam-se todas as partes doentes, desbastam-se os ramos, e torna-se a plantar a arvore em terreno melhor. Em geral é sempre conveniente examinar logo as raizes das arvores atacadas d'esta molestia. Se estas estão plantadas em um solo máu, convém tratar de o melhorar; havendo o cuidado de que quando se lançarem á terra os estrumes, estes não fiquem em contacto immediato com as raizes. Devem preferir-se os estrumes liquidos, taes como aguas gordas, e o sangue. No outono deve cobrir-se com estrume bem curado a superficie do solo em roda da arvore, até onde se estenderem os seus ramos: é um excellente meio de augmentar as forças da arvore, que principia a tomar vigor. As aguas gordas das cosinhas, que se deixaram fermentar em algumas vasilhas, é um excellente remedio contra a ictericia.

Nas grandes sêccas, que são causa muitas vezes d'este mal, é conveniente que as arvores sejam bem regadas.

Fazendo uso d'estes remedios tenho curado muitas arvores dentro de quinze dias, porém esta cura não está radical senão na primavera seguinte.

(Continuar-se-ha.)

PARTE LITTERARIA.

Hymno dos Lavradores.

O muito que o Sr. Castilho ama a sua patria, o quanto é proveitosa a sua intelligencia, de sobra anda provado nos factos da sua gloriosa vida.

Entre os folguedos de um banquete campestre da Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense, a 13 do corrente, o Sr. Castilho recitou um novo hymno á religião do trabalho, e mais uma flôr immortal juntou á sua corôa de poeta.

Ao auctor do Hymno ao Trabalho cabe mui bem a gloria de ser auctor do Hymno dos Lavradores. A musica foi mui apropriadamente composta pelo Sr. João Luiz de Moraes Pereira.

564

Cantae, passarinhos; cantae, arvoredos;
Cantae, frescas fontes; cantae, virações;
Cantae, ceus e terra; cantae os segredos
Da vida inefavel, que anima as soidões!

Choro.

De espigas e palmas c'roemos a enchada,
Morgado, e não pena dos filhos d'Adão:
Mais velha que os sceptros, mais util que a espada,
Thesoiro é só ella, só ella brasão.

Romper tenta o sabio do mundo a cortina;
Ao bello dá cultos o artista, o cantor;
O obreiro, transforma; o astuto, domina;
Mas o homem dos campos só é creador.

Choro.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

Da terra sahimos, á terra volvemos:
A terra nos veste, nos traz, nos mantém.
¿Quem mais do que a terra merece os extremos,
Que obtem dos bons filhos a próvida mãe?

Choro.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

É carcere, e livre se acclama a cidade;
Infernos de penas disfarça-os em si:
A leda, abundosa, gentil liberdade,
Sem fausto, e sem nome, nos campos se ri.

Choro.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

As ruas sombrias, as turbidas praças,
Só brotam miserias, vaidades, motim;
No campo, a abundancia pullula entre as graças,
E adoçam-lhe as lidas delicias sem fim.

Choro.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

Gentil liberdade nos campos impera:
Nas medas das eiras seu throno reluz;
Diadema de flôres lhe dá primavera;
Em choça de colmo tem regia Queluz.

Choro.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

¿Quem nutre as cidades, as frotas, e armadas?
¿Quem serve ás mil artes banquete real?
A mãe do commercio, rainha das fadas;
A fada incançavel; a Industria Rural.

Choro.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

Esgotam-se as minas; dissipa-se o oiro:
Preguiça e pobreza lhes crescem de após.
No solo aos activos poz Deus um thesoiro,
Tão rico entre netos, qual fôra entre avós.

Choro.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

A aurora dos campos floreja saude,
Nas faces a rir-nos, qual ri na maçã:
A terra dá fructos, o céu dá virtude,
E a lida folguedos á turba aldeã.

Choro.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

Os mezes das flôres, os soes do ceifeiro,
A quadra das fructas, o ocio invernal,
São gostos variados, que em vôo ligeiro
Rodeam nos campos o giro annual.

Choro.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

Viver de colono devolve-se em festa;
O dia lidado lhe escapa a folgar:
Co'a alva renasce; repoisa na sesta;
Triumpha ao sol posto; descanta ao luar.

*

CHORO.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc,

De dia o trabalho n'um chão florescente!
A noite, em bons sonhos, amor e prazer!
Ditosa mil vezes a rustica gente,
Se os bens que disfructa soubera entender!

CHORO.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

Ver nymphas nas selvas, nas aguas, nos montes,
Foi de animos gratos delirio em pagãos:
Nas serras, nos troncos, nos ventos, nas fontes,
Deus sentem, Deus amam colonos christãos.

CHORO.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

¿Dos céus, quem no mundo, quem vive mais perto?
Lavrando, ou colhendo, medita-se em Deus!
Com preces e hosannas palpita o deserto!
Ó Fé, os seus filhos inda hoje o são teus!

CHORO.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

Ó tu, que os expulsos do teu paraiso
Ás quedas e á enchada fadaste, ó Senhor!
Nas lidas põe bençam, nas mentes põe sizo,
Nos corpos saude, nos peitos amor!

CHORO.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

Mantém nas esposas fiel castidade;
Na prole, innocencia; fartura no lar;
Concede aos visinhos fraterna amisade;
E á patria virtudes que a possam salvar!

CHORO.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

Virtudes á Patria! virtudes ao Povo!
Virtudes aos chefes, que dictam as leis!
Já foi sceptro a enchada; que o seja de novo!
Diniz, lá da campa, que a mostre inda aos reis.

CHORO.

De espigas e palmas c'roemos a enchada, etc.

A. F. DE CASTILHO.

A Litteratura.

VI

Alabaron . . . su . . . graciosa lengua con quien sola la portugueza puede competir, en ser dulce, y agradable.
CERVANTES.

Desagradecidos Portuguezes, e desnaturaes são, os que por desculparem sua negligencia culpão a pobreza da lingua.
D. ANTONIO PINHEIRO.

565 O CONHECIMENTO dos eximios dotes, e nativos foros da excellencia do nosso idioma será acaso inutil?

Será verdade que a ignorancia da gentileza e primores da lingua portugueza é a primeira causa, e a mais substancial, de a haverem deixado em tamanho esquecimento?

A estas perguntas responde assim um habil presador das nossas lettras: — «Quem não sabe d'arte, não a «estima, disse com sobeja rasão o nosso poeta; e «mal póde presar-se per quem a não conhece, nem «a tracta, uma lingua, cujos dotes, e subidos quila«tes de sua valía desconhecem.» — *

É, pois, evidente o interesse que aos estudiosos resultará de consultar e ler detidamente os escriptores que desenharam o quadro das excellencias da nossa lingua, tão rica, tão eufonica, tão variada, e tão propria para os differentes estylos, e para os varios assumptos em prosa e verso.

N'esse sentido, e em desempenho da promessa, que fiz no artigo anterior, vou apresentar a resenha dos classicos portuguezes, que tomaram a defeza da nossa lingua, e a encareceram com louvores. Serei muito resumido no extracto das suas doutrinas, bem como nas observações que ellas suggerem, porque só pretendo indicar, e não — proceder a um longo exame critico; tanto mais quanto — no Diccionario da Academia encontrarão os curiosos quanto lhes baste, — e para aquelles que quizerem inteirar-se do assumpto, lá estão as obras originaes.

João de Barros. — «Prologo ou Diccionario da Cartinha, em a introducção da Grammatica da Lingua Portugueza.» — «Grammatica da Lingua Portugueza (corpo da obra).» — «Dialogos em louvor da nossa Linguagem.»

João de Barros, nos louvores da lingua portugueza, é um tanto hyperbolico. Por exemplo, no «Prologo» diz que a linguagem portugueza *em Europa é estimada, em Africa e Asia por amor, armas e leis tão amada e espantosa, que por justo titulo lhe pertence a monarchia do mar, e os tributos dos infieis da terra.*

No demais, louva a lingua portugueza pela sua conformidade com a latina, pela sua gravidade e força, e finalmente pela abundancia de vocabulos.

O auctor da comedia «Eufrosina.»

Entende que a linguagem portugueza não cede á latina em gravidade, graça, laconismo, e boa pro-

* Veja a Chron. Litt. da Nova Academ. Dramatica do anno de 1840, nos excellentes artigos que teem por titulo — Considerações sobre a lingua portugueza e seu estudo. —

nunciação. *Por isso eu quero*, diz elle, *raivar com seus naturaes que a tacham difamando-a de pobre.*

Duarte de Resende. — «Traducção dos Tractados da Amizade, Paradoxos, e Sonho de Scipião de Cicero.»

Na Dedicatoria diz que nenhuma das linguas de Hespanha se avantaja á nossa para tractar de graves e excellentes materias. — Observarei de passagem, que muito recreia a leitura d'este livrinho. Os bellos e philosophicos pensamentos de Cicero, como que nos aprazem mais, reproduzidos na ingenua e desaffectada phrase do traductor portuguez.

Francisco de Moraes. — «Chronica de Palmeirim d'Inglaterra.»

No prologo louva a lingua portugueza pela capacidade de palavras. — Os gabos de Moraes são de grande valia, pois que a Chronica de Palmeirim de Inglaterra é escripta com uma pureza, correcção e elegancia taes, que nada deixam a desejar. Em quanto houver bom gosto, será sempre lida com deleite uma obra, em que a cada passo se encontram bellezas de dicção, como as dos seguintes trechos:

«..... e as paredes da parte de fóra cobertas de «era, que trepava por ellas tão verde e tecida nas «mesmas pedras, que, além de darem graça á anti«guidade do edificio, o sostinham que de todo não «cahisse.»

«Cada um houve tamanha vergonha de ver que sua «porfia durava tanto, que, deixando as espadas, que «de bôtas não cortavam, se travaram a braços.»

«..... alli estava de cuidados tão acompanhado, «e tão sóo, té que a lua se pôs, a tempo que já os «ruysinóes e outros passarinhos alegres manifestárã «a chegada d'alvorada com sua doce harmonia.»

«Era tão bem desposto, e gentil homem de rosto, «que dava azo ao olharem com affeição.»

Antonio Ferreira. — «Poemas Lusitanos.»

Citar os louvores, que á lingua portugueza teceu Ferreira, fôra quasi transcrever todas as obras d'um escriptor, que, *dando á patria tantos versos raros, um só nunca lhe déo em lingoa alheia.* Ferreira foi o mais desvellado cultor que tem tido a nossa lingua, chegando a possuir-se de enthusiasmo, de paixão, e diria até de furor nos combates contra os que a menospresavam:

«E nós ainda estaremos duvidando?
«E o vivo fogo, que se em nós levanta
«A outra lingoa, ah crueis! iremos dando?»

Esse patriotico empenho, esse porfioso lidar tornaram-n'o digno de que a posteridade consagrasse com a sua approvação o vaticinio de outro poeta:

«Ah! Ferreira, dirão, da nossa lingoa amigo.»

Diogo Bernardes. — «Lima.» — *Ditosa lingoa nossa que estendendo, etc.*

Pedro de Magalhães de Gondavo. — Dialogo em defensão da lingoa portugueza.»

Demonstra que a nossa lingua se avantaja á castelhana, e o quanto é apta para todos os estylos, sobre ser muito suave. É curiosa a ultima coarctada que um dos interlocutores do «Dialogo» dá a outro que pugna pela superioridade da lingua castelhana: — «Emfim, que se alguma (lingua) com razão se póde «chamar barbara, he a vossa, a qual toma da lingoa «arabiga a maior parte dos vocabulos, fallais de pa«po, com aspiração; e assi fica huma lingoagem im«perfecta, e mais corrupta do que vós dizeis que a «nossa he.»

Duarte Nunes de Leão. — «Origem da Lingoa Portugueza.»

Diz que as linguas de Galliza e Portugal eram antigamente quasi uma mesma, mas que posteriormente a nossa se avantajou muito áquella na copia e elegancia, o que attribue á circumstancia de ter havido em Portugal reis e côrte, *que é a officina onde os vocabulos se forjam e pulem, e donde manam para os outros homens.*

De proposito ommito o que este e outros auctores dizem da nossa lingua, suppondo-a filha da latina, porque reservo esses apontamentos para quando chegar a vez de tractar aquella questão.

O que, porém, não posso deixar de fazer notar já, é que Duarte Nunes de Leão, e varios escriptores nossos, tanto dos já mencionados, como dos que posteriormente hei de mencionar, tinham em grande conta a nossa lingua, e a encareciam, considerando como um titulo de gloria a circumstancia de ser fallada na Europa, na Africa, na Asia, na America, e em differentes Ilhas do Oceano. É assim que Duarte de Leão, arrebatado de enthusiasmo patriotico e religioso, applicava aos portuguezes o que diz o Psalmista: *In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terræ verba eorum.* — Se este juizo não tem grande valor á luz da philologia, é comtudo respeitavel, como inspirado pelo santo amor da patria, e por venerandas crenças religiosas, lisongeados n'este ponto pelo facto de haver sido annunciada na lingua portugueza a doutrina do Christianismo *a tantas gentes, e de tão remotas e estranhas provincias.*

Francisco Rodrigues Lobo. — «Côrte na Aldêa.»

Este precioso livro anda, felizmente, nas mãos de todos, e fôra por certo uma superfluidade transcrever aqui os louvores que elle tece á nossa lingua, bastando citar um periodo, que admiravelmente resume o seu conceito: — *A lingua portugueza não desmerece lugar entre as melhores, para nella se escreverem materias levantadas, aprasiveis, proveitosas e necessarias.*

Na occasião em que escrevo estas linhas, tenho, por acaso, diante de mim um volume das Decadas de Couto, que havia marcado ao ler a narração do naufragio da náu S. Thomé. Eis-aqui as ultimas palavras d'essa narração: «.... dando a náo hum ar«ranco, como ultimo suspiro de hum moribundo, en«tranhou-se pelo mar dentro, e desapparecêo para «sempre com quanta gente tinha, ficando muita d'el«la sobre a agoa bracejando, e pelejando com a mor«te até que de todo se afogou.» — Uma lingua, em que se exprime com tal valentia o pensamento, tem

na verdade bastante direito aos gabos do nosso grande prosador, e grande poeta bucolico, Francisco Rodrigues Lobo.

Fernão Alvares do Oriente. — «Lusitania Transformada.»

Chama á lingua portugueza *um ramalhete composto de diversas flores*, porque, no seu conceito *encorporou em si a graça da pronunciação e dos melhores vocabulos das outras.*

Crê elle, como ainda hoje crê muita gente, que a nossa lingua é singular, pela circumstancia de que os estrangeiros a não podem nunca pronunciar bem, ao passo que nós pronunciâmos tão facilmente e com tanta propriedade as outras linguas.

Esta crença é destituida de fundamento, e parece nascer de falta de attenção e de seguido tracto com estrangeiros. Em regra geral, conhecer-se-ha sempre imperfeição na pronuncia de uma lingua estranha, e as excepções d'esta regra tanto se verificam, por exemplo, de inglezes e francezes para com portuguezes, como vice-versa.

«Il n'y a rien de si délicat et de si difficile, *diz* «*M.me de Stael*, que l'accent. On apprend mille fois «plus aisément les airs de musique les plus com«pliqués que la prononciation d'une syllabe; une «longue suite d'années ou les premières impressions «de l'enfance peuvent seules rendre capable d'imi«ter cette prononciation qui appartient à ce qu'il y «a de plus subtil et de plus indefinissable dans l'ima«gination et dans le caractère national.» — Esta doutrina é applicavel a todas as linguas, e se alguma modificação podesse soffrer, seria certamente no sentido de apresentar, como mais faceis de pronunciação, as linguas da familia romana, entre as quaes está a portugueza.

Fr. Bernardo de Brito. — «Monarchia Lusitana.»

O prologo da primeira parte d'esta obra é digno de ser lido, porque o elegante chronista narra com ingenuidade as incertezas com que luctou a respeito da lingua em que havia de escrever. Quasi o tiveram abalado os amigos que lhe aconselharam, que escrevesse na lingua latina, não só para bem de sua reputação, mas principalmente para se divulgarem por mais partes os seus escriptos. Outros lhe diziam que compozesse a obra em lingua castelhana; a estes nunca o chronista *fez rosto*, attendendo a que seria arguido de *indigno do nome portuguez, em ter tão pouco conhecimento da lingua propria, que a julgasse por inferior á castelhana.*

Brito preferiu a lingua portugueza, querendo extremar-se d'esses *filhos tão ingratos, que a modo de venenosas viboras lhe rasgam a reputação e o creaito devido.*

Nobre e muito nobre indignação! Ainda hoje a comprehendemos, ainda hoje nos inflamma, do mesmo modo que nos impressiona vivamente o desafogo de um grande talento contemporaneo (o Sr. Garrett) ácerca de Sá de Miranda: «Não posso deixar de que«rer mal a tam illustre portuguez pelo muito que es«creveu n'essa lingua estranha (castelhana); com «que não só privou a natural do fructo de suas ta«refas, mas fez maior damno ainda com o exemplo «que abriu; exemplo funesto que nos cerceou a lit«teratura, que nos defraudou de uma Diana de Mon«te-maior, de tantas boas cousas mais, e ao cabo ía «perdendo a lingoa.»

Coisa notavel! Brito lastimava-se de ter pouca noticia da lingua, e declarou no prologo que *teria mais os olhos em apurar a verdade, que em buscar invenções exquisitas, com que pintar a Historia*; e comtudo, as suas producções são primorosas em pontos de linguagem e estylo, sem que outro tanto se possa dizer no que toca ao merecimento historico.

Vasco Mousinho de Quevedo. — «Affonso Africano.»

Tambem quiz, diz elle, *mostrar* (aos metrificadores d'esta edade) *a copia da nossa lingoa, não me sendo necessario ajudar-me em todo este livro de verso que seja agudo.*

Manuel Severim de Faria. — «Discursos varios politicos.»

No artigo anterior apontámos o que mais de substancial se encontra nos escriptos d'este erudito portuguez.

Cumpre porém observar que o Discurso 2.º de Faria é digno de ser lido com toda a attenção na sua integra, porque alli é tractado o argumento da excellencia da nossa lingua com todo o desenvolvimento, critica e erudição.

Manuel de Faria e Sousa. — «Commento á Lus. de Cam.»

Reproduz o que dissera Manuel Severim de Faria.

Alvaro Ferreira da Vera. — «Breves louvores da Ling. Port.»

Reproduz o que disseram Brito e Faria, e pouco mais acrescenta, a não serem algumas ponderações historicas ácerca das linguas em geral, e da nossa em particular.

Duarte Ribeiro de Macedo. — «Advertencia á vida da Emperatriz Theodora.»

Lastima-se de que sendo a lingua portugueza elegante, copiosa, e clara, a escureçam com termos peregrinos.

Antonio de Sousa de Macedo. — «Flores de España, Excellencias de Portugal.»

Reproduz e desenvolve o que disseram Brito, Barros, Duarte Nunes de Leão, e Manuel Severim de Faria.

Convém ponderar que este e outros auctores nossos devem ser lidos, n'esta parte, com alguma prevenção, porque nem sempre os guiou a mais apurada critica. — Macedo, por exemplo, no cap. 22 das Flores d'España, diz o seguinte: «Finalmente Ma«nuel Severim de Faria en un discurso, que excelen«temente escrivió desta materia, prueba bien, que la «lengua portuguesa tiene todas las qualidades, que «se requeren, de modo, que haze vantaja a muchas, «y a todas iguala. Y basta en lugar de lo mucho «que pudiera decir-se lo que succedió a S. Antonio «de Lisboa, que predicando una vez salieron los pe«xes con las cabeças fuera del agua a oirle: otra vez

«predicando en Roma a un auditorio de muchos car-«dinales, prelados, y personas de diferentes estados, «y naciones, le entendieron todos tan perfetamente, «como si a cada uno hablara en su misma lengua, «communicandole Dios a este gran Santo la gracia, «que avia dado a sus Apostoles, que lo proprio ha-«zian. Y aunque el entonces no predicó en portu-«gues, con todo, es gran honra nuestra aver dado «Dios tan soberano don a una lengua portuguesa, y «oy se conserva incorrupta: que maior excelencia!»

Jacintho Freire de Andrade. — «Vida de D. J. de Castro.»

«Se me notarem o livro de ruim, não negarão que é breve e escripto em lingua portugueza, que tantos engenhos modernos ou temem, ou desprezam, como filhos ingratos ao primeiro leite, servindo-se de vozes estrangeiras, por onde passaram como hospedes, sem respeito áquellas veneraveis cãas e ancianidade madura de nossa linguagem antiga.»

Fr. Antonio da Purificação. — «Chron. da antiq. Prov. de Port. da Ord. dos Eremitas de Santo Agostinho.»

Cita em tudo quanto diz de louvor da nossa lingua o Disc. 2.° de Sev. de Faria, por occasião de expor os motivos por que compozera a sua Chronica na lingua materna.

O Padre Antonio Vieira. — «Approvação da 3.ª parte da Hist. de S. Dom.»

«A linguagem, tanto nas palavras como na phrase, «é puramente da lingua em que (o auctor) profes-«sou escrever, sem mistura ou corrupção de voca-«bulos estrangeiros: os quaes só mendigam de ou-«tras linguas os que são pobres de cabedaes da nos-«sa tão rica e bem dotada...»

O Padre Antonio Vieira a approvar as obras de Fr. Luiz de Sousa! que feliz combinação! que apropriado lance! Com rasão rompem os auctores illustres do Diccionario da Academia n'estas enthusiasticas palavras? = *Que homem tão proprio para avaliar o preço de outro assim como elle illustre, e tanto seu similhante!* =

Francisco Dias Gomes. — «Obras poeticas.»

«As composições poeticas de Francisco Dias Go-«mes, *diz o sabio Stockler*, e as annotações que elle «mesmo fez são, quanto a mim, o mais perfeito, ou «talvez o unico modelo, que n'estes ultimos tempos «se tem entre nós publicado, digno de apresentar-se «aos olhos de quem pretende escrever com elegancia «e pureza no idioma portuguez. Pelo menos são cer-«tamente bem poucos os escriptos do nosso tempo, «que n'este artigo se possam mostrar isemptos de «nodoa: e não sei que haja um só, o qual seu auc-«tor tomasse o trabalho de annotar, como Francisco «Dias, com tantas e tão bem escolhidas observações «criticas sobre a *indole particular da nossa lingua*, e «*sobre as diversas elegancias e maneiras*, que deter-«minam, por assim dizer, o seu caracter.»

São na verdade um primor de philologia as annotações de Francisco Dias Gomes, e por isso muito recommendaveis aos que pretendem obter cabal conhecimento da Lingua e Litteratura Portuguezas. Na parte que especialmente nos occupa, devemos indicar como um excellente subsidio as annotações á ode 2.ª (pag. 277 a 318) dedicada á *Lingua Portugueza*, a qual começa assim:

«Lingua, cuja suave melodia,
«Cuja enchente fecunda de expressões
«Clara te faz entre as viventes linguas
«Mais que todas illustre.»

Se Virgilio e Cicero, diz depois o poeta:

«Ouvissem como sôas doce e branda;
«Tua indole grave e magestosa,
«Flexivel para todos os assumptos,
«Attentos contemplassem:

«Do mais polido seio da Latina
«Diriam ser nascida a Lusa Lingua,
«A mais propria de assumptos magestosos,
«De engenhos levantados.»

Nas *Notas* a esta Ode espraia-se o auctor em louvores á nossa lingua, descrevendo com summa erudição, apurada critica, e finissimo gosto, a doçura e harmonia da lingua portugueza, a sua copiosidade e abundancia de palavras — a sua magestade, pureza e elegancia — a sua flexibilidade para todos os assumptos.

Teremos occasião, quando tractarmos da *Critica Litteraria*, de citar novamente, e com maior amplitude, as «Obras poeticas» de Francisco Dias Gomes, e então observaremos o quanto é rica a preciosa mina de doutrina litteraria, que este grande humanista nos offerece nas suas «Notas.»

Corri muito apressado n'esta parte do meu trabalho, porque urge passar ao exame de pontos mais substanciaes do estudo da nossa lingua. O grande numero de escriptores portuguezes, tanto anteriores, como contemporaneos, que deixei de mencionar n'este artigo, serão devidamente commemorados á proporção que for fazendo a resenha dos escriptos mais valiosos.

Independencia da Lingua Portugueza.
Sua filiação.
Herança de vocabulos e phrases que diversas linguas lhe legaram.
Influencia que tem recebido das linguas modernas.
Sua indole, revelada pelos escriptos dos classicos.
Orthographia e pontuação.
Grammaticas e diccionarios.

José Silvestre Ribeiro.

Mysterio.

566 Eu amo!... o nome d'ella...
Não o digo: é uma 'strella,
Um astro que me appareceu
Na tempestade da vida!...

Um anjo . . . um grito do céu,
Á minh'alma amortecida . . .

É um sorriso de Deus . . .
Inda bem que para os céus
Já posso os olhos erguer!
Eu quero a vida, Senhor,
Quero a vida p'r'o amor,
Eu já não quero morrer . . .

Nas trevas da minha sorte,
É verdade, quiz a morte . . .
Foi fraqueza, covardia,
Eu confesso; mas agora
Já lá vem a minha aurora . . .
Deixa-me vêr o meu dia.

É linda . . . como é bella . . .
Vi o céu nos olhos d'ella . . .
Ao despontar d'um sorriso
Por entre os labios divinos . . .
Ouvi n'alma os santos hymnos,
Que se ouvem no paraizo . . .

Eu amo! . . . não dizem mais
As palavras dos mortaes;
É uma gota da paixão,
Da paixão, que o peito encerra,
Que trasborda sobr'a terra
Do vaso do coração . . .

O seu nome é tão mimoso,
Tão doce, tão vaporoso . . .
Quem nos labios o não sente,
Como eu o sinto agora . . .
Não sabe como se adora
Um nome tão innocente . . .

Como a folha d'uma rosa,
Que no lago descuidosa
Cahe do labio da fontinha . . .
Cahe no peito o nome lindo,
Dos labios onde, sorrindo,
De ser visto medo tinha . . .

No lago crescem as aguas,
No peito crescem as magoas,
Vem o nome, vem a flor,
Á superficie calados . . .
Dar aos labios namorados
Um outro beijo d'amor . . .

A palmeira no deserto
Não consola mais por certo,
Do que ao peito, que delira,
Na incerteza do futuro . . .
Consola o balsamo puro
Do nome, que se respira . . .

Eu tomei um trago inteiro
N'esse nome feiticeiro,
D'um prazer quasi divino . . .
E achei-me por magia
Nas regiões da poesia . . .
Sem saber do meu destino . . .

Desd'então não tenho ouvido
Senão esse nome querido,
O nome da minha 'strella . . .
Oh! tudo quanto respira
Nas cordas da minha lyra
Vem tocar o nome d'ella . . .

Dizem-m'o as aves no canto,
Diz-m'o o pastor na flauta,
Ouç'o ás ondas no pranto,
Ouç'o nas trovas do nauta.

Diz-m'o a fonte murmurando
Pela noite a descantar,
Ouç'o ao zephiro brando,
Que vem nas folhas brincar.

E em tudo se calando,
Cale-se a terra e o mar . . .
Qu'inda o fico escutando
Ao silencio do luar! . . .

Só . . . em face do Senhor!
Sem do mundo nada ouvir,
Com os raios do amor
A doirar o meu porvir! . . .

Ouvem-se os suspiros meus . . .
Mas ninguem sabe por quem:
Sei-o eu e sabe-o Deus! . . .
Não o sabe mais ninguem.

1843. * * * *

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

21 a 27 de Junho.

Diario n.º 145.

567 Resumo do lançamento da decima e impostos annexos do 2.º semestre de 1848, no districto de Aveiro. É a sua importancia de 27:351$498 rs.

—

Dito n.º 139.

Decreto revogando o de 7 de março ultimo, que estabelecia a Loteria Nacional, e mandando entregar o dinheiro dos 91 bilhetes vendidos.

—

Dito n.º 148.

Carta de Lei, que determina que continue definitivamente, até á completa extincção das Notas do Banco de Lisboa, o imposto de 10 por cento, applicado á sua amortisação, e pago em notas, addicional a todos os pagamentos do Estado; e ordena que fique em vigor a Carta de Lei de 13 de Julho de 1848.

Outra, ordenando que os navios suecos, norueguezes e russianos paguem os mesmos direitos de tonellagem que os navios portuguezes, e auctorisando o Governo a applicar esta disposição aos navios de outras nações, onde os navios portuguezes forem admittidos com egualdade de direitos de tonellagem.

Portaria do Tribunal do Thesouro Publico, ordenando que cesse desde já o abuso de se exigirem tributos abolidos, com referencia a annos posteriores á epocha em que foram abolidos.

—

Dito n.º 149.

Portaria, mandando retirar o *exequatur* a todos os portuguezes, a quem se tem concedido faculdade para poderem exercer os cargos de vice-consules e agentes consulares das nações estrangeiras, que não residirem nos districtos para onde foram nomeados.

A Religião em França.

568 Quando entrámos nas lides da imprensa, que se não denomina politica, inaugurámos como uma das bases de todos os nossos trabalhos — a crença e o respeito á Religião. É esta a rasão por que devemos guardar memoria nas paginas do nosso jornal do que a 13 do corrente se passou em París.

Na capital, que muitos consideram como sendo a capital do mundo, o flagello da cholera morbus devasta com impeto os seus habitantes, e ahi, onde a intelligencia reina, as mãos se cruzam sobre o peito e se erguem para o céu, ao passo que dos labios sahe uma supplica de misericordia!

O arcebispo de París, no dia que referimos, foi a pé á igreja de S. Genoveva, para ante o seu tumulo começar a novena, que ordenára, para que, por intercessão da Santa protectora da Diocese, cessasse a epidemia que assusta a França. Foi a pé até á igreja, indo acompanhado pelo cabido da cathedral de París. Muitas flôres se lançaram sobre este respeitavel prestito, e na praça Mauber foi grande a commoção publica. — Os vendilhões pediram ao prelado a sua bençam para o mercado, o qual foi percorrido pelo digno arcebispo. Chegando á igreja, onde o povo se apinhava até á porta, subiu ao pulpito, e proferiu uma breve pratica, repassada de uncção religiosa. Ao findar, o prelado foi saudado com lagrimas: — não se lhe póde tecer maior elogio. Depois celebrou missa no altar de Santa Genoveva. Ao voltar para o seu palacio viu-se seguido por milhares de pessoas. Como estivesse máu tempo tentou despedi-las, mas não o podendo conseguir, desceu da sua carruagem, e caminhou juntamente com a multidão, que o não deixou senão á porta da residencia episcopal.

Ainda bem que a mais alta dignidade da igreja da França planta a arvore abençoada da oração christã no terreno da sua Diocese, que ainda não ha muito foi santificado pelo solemne martyrio do seu illustre e virtuoso antecessor.

O auctor das Meditações Religiosas.

569 O Sr. Conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos mudou a sua residencia d'esta cidade para o Porto.

A vida do Sr. Bastos é um continuado estudo — poucos homens haverá que mais leam e escrevam.

O grande credito das suas obras tem levado o seu nome com respeito ás nações estrangeiras. A ausencia do Sr. Bastos é muito sentida pelos seus amigos. Ligados ao illustre escriptor por laços de estreita amisade, felicitamos o Porto por haver sido o logar escolhido pelo Sr. Bastos para passar o resto da sua vida. Sentimos menos a sua falta quando pensamos, que se a sua intelligencia se não ostenta ao pé dos amigos, que deixou em Lisboa, é porque mais continuadamente vae ser empregado na reconstrucção do edificio da Fé, tão desmoronado pelos mesmos que poderia abrigar das tempestades da vida.

Associação agricola do Douro.

570 A 10 do corrente novamente se reuniu a Associação agricola. A concorrencia foi grande. A Camara da Pesqueira não faltou. A discussão foi acalorada, mas não se tomou ainda nenhuma resolução definitiva. Desgraçadamente n'esta sessão se provou que muito vae lavrando a guerra entre os lavradores do Baixo Corgo e os de Cima Corgo. Para se tractar a questão do Douro é mister olhar para toda a nação, e não a prender nos limites do terreno que produz o vinho.

Os Dois Renegados na Ilha de S. Miguel.

571 O drama, que dera nome ao nosso distincto collaborador, foi representado no dia 3 de Maio, em Ponta-Delgada, pela Sociedade Philarmonica Michaelense, no seu Theatro de Santa Cecilia. Foi recebido com grande enthusiasmo. Houve muito esmero no vestuario e scenario; e pelas noticias que temos, Madame Sera representou o papel de Isabel com muita intelligencia e gosto. Dizem-nos tambem que o Sr. Torres Adão Junior representára mui bem a parte de Samuel. O que n'esta representação se provou solemnemente foi que ella era mais um triumpho para juntar a tantos que o Sr. Mendes Leal tem obtido nas lides da intelligencia.

Carta do Sr. Jervis Junior.

572 Sr. Redactor. — Quando em Setembro de 1848 eu fui prezo por salteador d'estrada, V. , por me não conhecer pessoalmente, relatou o facto, não como elle na realidade se passára, mas sim como lh'o contaram, e como então se dizia, juntando-lhe algumas reflexões (inda que indirectas) que muito gravaram a minha reputação: a nada então respondi, pela certeza de um dia o poder fazer perante os tribunaes, o que felizmente pude effectuar a 16 do corrente, em que obtive o voto do illustre Jury, que decidiu a minha questão na presença de mais de 400 pessoas; comtudo, como não posso só limitar a minha defeza ás pessoas que a presencearam, rogo a V. , a bem da minha reputação, se digne mandar inserir no seu acreditado periodico, inda que em resumo, o que motivou a minha prisão.

Na noite de 15 de Setembro pelas 8 horas e meia, indo eu a cavallo pela Travessa de S. Francisco Xavier (vulgò do Seabra), que então não conhecia por

me ter perdido no caminho, vendo um homem montado n'um burro, de chapéu á serrana e japona, dirigia-me a elle afim de me orientar onde ía sahir aquella estrada, quando, voltando apenas o cavallo para elle, este homem, sem me dar tempo a dirigir-lhe uma palavra, desfechando uma pistolla que errou fogo, me diz: *abaixo cão*, e acabando isto vejo-me cercado por 6 ou 7 vultos, que ao longe pude distinguir de chapéus á serrana e japonas, conforme então me pareceu, e que só na audiencia é que soube serem capotes e não japonas. Á vista de tal apparato e tão repentino, quem, no meu logar, não se julgaria atacado por salteadores; e quem não faria o mesmo que eu, que foi, tirando uma das pistollas da algibeira, dizer arreda, e, picando o cavallo, fugir?! — eis o que fiz; porém logo que adiante quiz suster o cavallo, não o podendo fazer em consequencia de uma feridá que lhe fizeram em uma das pernas, deixei-o galopar por onde quiz, até que, podendo-o suster nas terras da Cruz do Taboado, mettendo-o a passo o fui entregar.

Ao outro dia pelas 6 horas um amigo foi a minha caza perguntar-me o que me succedêra, e tendo ouvido o que acima digo, então me contou que não eram ladrões os que me tinham accommettido, mas sim soldados e um sargento da Guarda Municipal, que alli estavam em diligencia de apanhar um ladrão, que por aquellas paragens, e em diversos dias, atacára algumas pessoas, acrescentando que me indigitavam como tal, e que me viriam prender porque tinham ferido o cavallo (então é que eu soube da ferida), e, tendo-o achado ferido na cocheira, sabendo que eu é que o tinha alugado, estavam-se dando as ordens para a minha prisão: desprezando esta advertencia, respondi ao meu amigo com aquelle socego que preside sempre á innocencia, e deixei-me ficar em caza, até que pelas 10 horas, vindo um official de diligencias chamar-me, fui á Administração, de lá para o Carmo, incommunicavel, d'onde no dia 18, depois de ir a perguntas á Boa Hora, fui para o Limoeiro, onde estive 9 mezes, se bem que justiça se faça ao actual carcereiro, o Sr. Carvalho, mui bem tractado não só pelo mesmo senhor, mas por todos os seus subordinados, até que no dia 16 do corrente pude mostrar minha innocencia, mas depois de perder meus estabelecimentos, e de ter soffrido as consequencias de uma similhante prisão; não podendo deixar de elogiar a eloquencia e profundo saber do meu illustre defensor o Sr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, o qual cooperou para mais claramente provar que não concorri para a minha prisão; assim como que não sou capaz de praticar taes attentados, tal é o que espera V. publique este seu

Constante leitor

João Ferreira Jervis Junior.

Testamento de M.me Récamier.

573 Eis-aqui algumas das disposições contidas no testamento de M.me Récamier: n'ellas se reconhecem a elevação dos sentimentos e a delicadeza d'espirito, que distinguiam esta mulher celebre: —

«Deixo ao Museu de Lião o quadro de Corinna, pintado por Gérard, que está actualmente na minha caza de l'Abbaye-aux-Bois, e desejo que se inscreva na moldura do quadro, que elle me foi dado por S. A. R. o Principe Augusto de Prussia, querendo assim reunir, n'esta homenagem á minha cidade natal, a memoria de M.me de Stael e do Principe Augusto.

«Junto a este legado a copia do meu retrato, desenhada por Minardi, conforme o quadro de Gérard. Deixo tambem ao Museu de Lião o pequeno grupo, em barro, das Graças, primeiro pensamento de Canova, modelado por elle mesmo, e que este grande artista executou em marmore.

«Deixo ao Museu de Saint-Malo, cidade natal de M. Chateaubriand, o baixo-relevo em marmore, que representa Eudora e Cymodoceu, executado em Roma por Tenerani.

«Deixo ao mesmo Museu o desenho de Attala, copia do quadro de Girodet, e o desenho de Fragonard, em que este me representou assentada á borda do mar.

«Deixo ao Museu de Versailles o retrato de M.me de Stael, pintado por Gérard.

18 de Abril de 1843.»

Roubo de dia.

574 No Porto, rua da Barranco Velho, roubaram mais de quatrocentos mil réis, fóra o oiro, a uma mulher já de avançada edade. O roubo foi feito pelas 6 horas da tarde. Os ladrões vendaram-n'a antes do roubo.

Não consta, pela noticia que recebemos, que esteja descoberto o ladrão ou ladrões, que tomaram parte n'este crime.

Trovoadas.

575 Acerca das trovoadas, que teem corrido por sobre o reino, consta-nos que os relampagos, que, em a noite de 21, alumiaram a cidade desde as 9 horas da noite até ás 11, eram restos ou resultados de grande trovoada, que, por uma hora, tornou intractaveis as ruas do Porto. Informam-nos que em Estremoz, no dia 18, houveram muitos estragos causados por uma forte trovoada, sendo alguns d'esses estragos a perda de algumas vidas, em consequencia dos raios.

Prejuizo para o publico e para a Companhia do Gaz.

576 Com empenho temos sempre auxiliado a Companhia da illuminação por meio do gaz, porque a considerâmos como uma empreza civilisadora. É com este intento que hoje levantâmos um brado contra o excessivo preço, por que se faz a venda dos candieiros, dando a esta venda todos os caracteres de um verdadeiro monopolio. Vimos algumas contas, e não

duvidàmos affirmar que as achámos carregadas com mais um terço do que o real valor dos candieiros. Se este abuso continua, a Companhia ha de ser prejudicada, porque os logistas não hão de querer comprar o gaz ao fabricante dos candieiros; e no estado actual d'este negocio, é quasi isto o que acontece.

Como são muitas as queixas, que teem chegado ao nosso conhecimento, assentámos dever encetar esta questão de interesse publico por meio d'estas rapidas considerações, que serão seguidas de outras mais fortes, se por ventura se não evitar o mal com brevidade.

Honra ao merito.

577 O celebre pianista Kontski teve a honra de ser recebido, em a noite de 25, no Real Paço das Necessidades, onde apresentou mais provas do seu genio e estudo na presença de SS. MM. e de grande parte da Côrte. N'esse mesmo dia recebemos, pelo correio, a noticia de que S. M. a Rainha de Hespanha nomeára o Sr. Kontski pianista da sua Real Casa.

O muito que merece o illustre artista, nos fez receber com prazer estas duas noticias.

Cholera-Morbus em París.

578 Para se julgar da marcha ascencional da cholera, copiaremos aqui um pequeno mappa dos casos de cholera, que houve, tendo sido os atacados enviados para os diversos hospitaes d'aquella cidade:

	Atacados	*Mortos*
28 de Maio	75	39
29	72	38
30	71	47
31	103	47
1 de Junho	95	49
2	134	54
3	208	119

Eis-aqui o mappa dos mortos, que foram tractados da molestia em suas cazas, não sendo possivel saber ao certo o numero dos atacados.

26 de Maio	62 mortos
27	59 »
28	51 »
29	66 »
30	65 »

As causas a que se attribue o crescimento da cholera, são a quantidade enorme de bebidas fermentadas, e sobretudo cerveja, que se consome em París durante a estação calmosa, e a grande miseria das classes trabalhadoras.

Não sómente a cholera ataca um maior numero de pessoas, mas tambem a intensidade da molestia é maior, não deixando quasi tempo nenhum para os medicamentos poderem obrar.

O seguinte remedio, diz um jornal francez, tem produzido bons resultados: — uma colher de chá de tintura alcoolica concentrada de *cannabine* em um copo de agua com assucar, e depois algumas colheres do remedio dadas por pequenos intervallos.

Recommenda tambem que se prefiram as bebidas tonicas ás refrigerantes.

No dia 9 do corrente mez, o numero dos mortos da cholera, em París, foi de 626; porém, já no dia seguinte este numero não chegou a 400. Os jornaes do dia 13 referem que a cholera ía em grandissima diminuição.

* *

Theatro francez.

579 Tres peças, n'este tempo de cholera e de revoluções, são mencionadas nos jornaes da especialidade por terem merecido acceitação em París.

Uma é jocosa; outra é tragica; e a outra é magica.

A primeira tem por titulo *Brutus, lâche Cesar*. Bruto é o nome do homem e Cesar o de um cão. Um é porteiro, e o outro se não é porteiro é o guarda da caza. Lemos que é um espirituoso *vaudeville*.

A segunda é a Conspiração de Mallet. Todos sabem que Mallet era um realista acerrimo, que apenas com quatro homens tentou destruir o imperio e o imperador, matando este.

O Fio da Virgem é uma engraçada peça magica, que attrahe todos os dias um publico numeroso ao theatro das *Variedades* em París.

Boato falso.

580 Em a tarde do dia 26 se espalhou em Lisboa a noticia de que a cholera-morbus estava em Alcacer. Procurámos obter a este respeito as mais exactas e authenticas informações, das quaes resulta que essa noticia foi um boato falso. Por essa occasião soubemos que em Alcacer, Sines, S. Thiago do Cacem, e no Concelho do Vouga tem havido bastantes sesões e outras molestias, resultantes do calor da estação e do uso de fructos mal sasonados.

COMMERCIO.

581

Cereaes em 27 de Junho.

Trigo do reino rijo	de	320	a	440	réis	a bordo.
» » molle	de	400	a	460	»	»
» da ilha	de	320	a	360	»	»
Milho do reino	de	240	a	265	»	»
» da ilha	de	210	a	220	»	»
Cevada do reino	de	170	a	190	»	»
» da ilha	de	170			»	»
Centeio do reino	de	200	a	210	»	»

— Na praça de Londres, foram, em 16 de Junho, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		193	195	Por 100.
Consolidados	3 p. %	—	—	»
Redusidos	3 »	91⅛	91⅝	»
Fundos	3¼ »	92	92¼	»
Exchequer bills de Março		42	46	Premio.
» de Junho		—	—	»

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	79	81	Por 100.
Brasileiros	5 »	78	91	»
Dinamarquezes	3 »	—	—	»
Hispanhoes	5 »	16¾	17¼	»
Ditos	3 »	34	34½	»
Hollandezes	5 »	76	76¾	»
Ditos	2½ »	50¼	51	»
Mexicanos	5 »	28⅛	28⅝	»
Portuguezes	4 »	27	28	»
Ditos consolid. 1841	—	26	27	»
Ditos divida interna	—	Sem preço.		—
Russos	5 »	101	103	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		53⅛	53¼	Por 1$000 rs.
Porto		53	53½	»
Rio de Janeiro		26		»
Bahia		—	—	—
Paris	25	70	80	»

Praça de Lisboa, 27 *de Junho*. — Fundos publicos de 5 por cento 51. — Acções do Banco de Portugal 480$000rs. — Acções sobre o Fundo de Amortisação 38 a 40 por cento.

— *Estado do mercado, em* 27 *de Junho de* 1849.

Assucar. — Houve algumas vendas para consumo pelos seguintes preços: Branco 1$600 a 1$550 rs., e mascavado 1$150 a 1$100 rs.

Café. — Vendeu-se algum do Rio, 1.ª sorte, de 1$850 a 1$800 rs.; 2.ª sorte, de 1$650 a 1$600 rs. — Ha poucos compradores.

Marfim, preço nominal, sem compradores. — Por lei 940 a 930 rs.; meão 820 a 800 rs.; escaravelho 550 a 500 rs.

Cera amarella. — A 220 rs., preço nominal, sem compradores.

Urzella. — A 6$000. — Empatada.

Salsa parrilha, por baldeação. — Houve algumas vendas, da superior a 9$600 rs., e da inferior de 7$000 a 6$800 rs.

Valor do trigo em varias epochas.

582 Eis-aqui um pequeno mappa, que mostra o preço de um hectolitro de trigo (equival em medida portugueza a 7 alqueires, 1 oitava, 1 maquia e 1 selamim) em diversos tempos.

Em Athenas, no tempo de Demosthenes	3 fr.	54 c.	565 rs.
Em Roma no tempo de Cesar	3 »	17 »	
Em França em 800	2 »	86 »	
» 1425	2 »	55 »	
» 1514	3 »	89 »	
» 1536	8 »	56 »	1$045 rs.
» 1640	14 »	52 »	2$320 »
» 1820	18 »	83 »	3$000 »
» 1840	21 »	50 »	3$440 »

Correspondencias.

583 *S. Miguel*, 17 *de Maio*. — Trigo 550 — milho 340 — fava 280 — feijão 800 — cevada 300 — centeio 480 — tremoço 240 — batata 240 — vinho 60 a 100 — azeite 480 rs.

Porto, 20 *de Junho de* 1849. — Na cadêa d'esta cidade se descobriu mais um fio da têa em que se escondem os fabricantes de moeda falsa. Em virtude d'estas averiguações, foram presos Manuel Moraes da Silva Ramos, abridor, e seu filho. Creio que ha fortes provas contra elles. O interesse do commercio exige que este acontecimento não fique como o de Braga, que parece esquecido. — O trigo está a 650 rs.; milho 320 rs; centeio 300 rs.; e cevada 200 rs. — Aqui chegou, com cinco dias de viagem, o brigue S. Manuel, com 60 passageiros, os quaes trazem boa somma de lettras sobre Londres, para negociar na Praça. — As chuvas das trovoadas não teem feito bem aos milhos.

Expediente.

A Empreza tem correspondentes em todos os Districtos do Reino, Ilhas, e nos Portos do Brazil.

— Recebemos os Relatorios parciaes de todos os benemeritos membros da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, que prestaram o valioso serviço de reger os differentes cursos que esta Sociedade gratuitamente abriu: brevemente serão publicados. São documentos que mui altamente provam, que o Parlamento não se póde retirar sem lhe conceder a tira de terra, que a Sociedade pede para estabelecer as suas escholas.

— Tivemos a satisfação de receber um mui util artigo do Sr. João Pereira Palha de Faria, ácerca da doença das larangeiras: será publicado.

— Agradecemos a remessa das duas seguintes obras:

Rome, Turin et Florence, considérations sur l'état présent de l'Italie par M. le Comte de Gévaudan, Sécretaire Général du Collège Héraldique de France, chevalier de l'ordre de Saint-Jean de Jerusalem. — París 1849.

Le Pape et l'Italie, du meme auteur.

— Não convindo demorar a publicação dos artigos com que o Sr. Silvestre Ribeiro está honrando a nossa tão rica e esquecida litteratura, e não sendo possivel cortar a parte do conto — Salomão de Caus — que para o presente numero estava composta, fica retirada para o seguinte.